

por **Francisco Teixeira ***

Há quem considere o melhor livro sobre futebol jamais escrito no Brasil. Outros não discordam. Controvérsias à parte, estamos diante de uma obra impar, seminal. A partir dela, o tema passou a ser tratado com mais respeito, com a consideração que merecia o esporte mais popular do país, verdadeiro espelho da alma brasileira, refletindo os traços mais marcantes da nossa formação social.

Mário Filho (1908-1966), irmão de, mais famoso, Nelson Rodrigues, além de autor, é personagem do próprio drama que descreve. Filho de um jornalista que teve seu jornal empastelado pela revolução de 1930, com a subsequente morte do pai, tornou-se arrimo de família, ainda bem cedo na vida. Trabalhou em outros jornais, até comprar o *Jornal dos Sports* (com s), em 1936, que se tornou um ícone do jornalismo esportivo no país. Além de dirigir o jornal, por meio dele promoveu diversas eventos, a exemplo dos Jogos da Primavera e o primeiro desfile de escolas de samba, além de campanhas como a que resultou na construção do Maracanã, estádio que recebeu seu nome. Participou ativamente da vida esportiva do país, ajudando a construir suas bases. Além desse livro, escreveu vários outros sobre futebol e outros temas. Seu irmão famoso o tinha como ídolo.

Qual seria o gênero do livro? Jornalismo, história ou sociologia? Essa questão parece relevante pelo fato dele ter sido adotado por vários sociólogos e criticado por outros. Mas, por que sociologia? Afinal, não existe nenhuma teoria por trás do seu relato, nenhuma tese a ser demonstrada, nem mesmo uma pergunta básica a ser respondida. Estamos, na verdade, diante da história do surgimento do futebol no Brasil e da sua evolução primitiva, tendo como foco principal desse relato a inserção dos jogadores cuja cor da pele não era branca. O livro baseia-se em notícias de jornais e na tradição oral, a partir do que contavam os próprios atores e testemunhas. Nada que possa ser visto como pretensão acadêmica. Nem como defesa da imprecisa tese da "coesão social", como querem seus críticos.

Além disso, é literatura pura. Uma obra que prima pelo estilo leve, objetivo e, ao mesmo tempo, lírico. Uma prosa que tangencia a poesia e, daí, deriva uma cadência própria, única. Um lirismo a serviço do tema, querendo mostrar por meio do texto que a coisa mais importante do esporte em tela é o ritmo e, dentro do ritmo, as sincopas inesperadas, os compassos despedaçados. Nada de marcha batida: a vida nos gramados do futebol é bem mais complexa.

O futebol foi trazido para o Brasil pelos ingleses da fábrica de tecidos localizada no subúrbio de Bangu, no final do século XIX, início do XX. Daí difundiu-se para os bairros de classe média alta da Zona Sul da Capital da República. Foi adotado pelos filhos das famílias tradicionais das Laranjeiras, Flamengo e Botafogo, que, naquela época, eram os limites da cidade, e no bairro mais rico da Zona Norte, onde surgiu o América. Durante os primeiros anos disputava, e perdia, em popularidade, com o remo, esporte também praticado pelos filhos do patriarcado branco estabelecido nesse mesmo ambiente. Esse estágio da nossa formação social já foi exaustivamente tratado em várias obras. Como o futebol se insere nele, eis o tema nunca antes tratado. Como a estrutura social mais ampla se reproduziu no esporte, eis a questão a ser desvendada.

Acontece que os filhos brancos da elite estabelecida no Distrito Federal não eram diferentes dos demais em outras partes do país. Ainda tinham muito viva a memória escravocrata, que se traduzia em discriminação. O futebol foi trazido por brancos ingleses e deveria ser jogado exclusivamente por brancos brasileiros, sem a participação dos filhos dos escravos e dos mestiços. A separação entre os

* Prof. da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia - EAUFBA.

estratos sociais deveria ser mantida nos campos do esporte. Essa visão predominou até os anos trinta, embora de forma hipócrita. No início, os de cor escura ou cabelos crespos tinham que se disfarçar, inclusive usando pó de arroz no rosto. Mais tarde, os negros e mestiços foram arrombando os portões da discriminação racista pela competência – os times vitoriosos sempre tinham jogadores negros contrabandeados – e pela organização; times de origem popular, a exemplo do Vasco da Gama, passaram a surgir, com vários negros nas suas linhas.

Nessa história, dois momentos institucionais e suas conseqüências são importantes de serem observados, considerando, principalmente, os leitores desta publicação.

O primeiro refere-se à constituição das ligas. Para se popularizar, os times deveriam organizar competições que pudessem atrair a atenção permanente do público, a exemplo das temporadas de remo. Para organizar competições eram necessárias regras, além das famosas regras do esporte estabelecidas pelos ingleses, a serem obedecidas por um conjunto razoável de times. Feito isso, os campeonatos surgiram e, com eles, um público crescente que, rapidamente, superou numericamente aquele que se interessava pelo remo. Portanto, a instituição de regras para reger as relações extra campo foram fundamentais para que o futebol pudesse crescer. Essa não foi uma tarefa trivial, considerando que os times não eram todos da Zona Sul e que a tradição de organizações sociais daquela época era muito precária, para dizer o mínimo. Esta foi a primeira vitória institucional.

A segunda seria o advento do profissionalismo. Até metade dos anos trinta, o futebol era uma atividade dita amadora. Dita porque desde algum tempo o profissionalismo já existia, de forma disfarçada. Os pobres – brancos, mestiços ou pretos, embora, na maioria, pretos e mestiços – não podiam dedicar o tempo e o esforço exigidos pelo futebol competitivo e, ao mesmo tempo, buscar o sustento em profissões braçais. Esquemas paralelos começaram a surgir, a exemplo de empregos pró-forma e pagamento por partida jogada, a título de ajuda de custo. Os portugueses, que dirigiam o Vasco da Gama, perceberam que a melhor maneira de ganhar campeonatos era ter esses jogadores no seu quadro, mesmo que para isso fosse necessário burlar o amadorismo. Só que essa situação era insustentável, tendo em vista que os clubes tradicionais dos brancos não estavam dispostos a se tornarem coadjuvantes do processo. A crise se estabeleceu, levando à formação de outra liga, enfraquecendo aqueles que teimavam em discriminar os negros e os pobres que queriam abrir uma nova possibilidade de sobrevivência e, mais tarde, ascensão social.

Nessa interpretação, as instituições desempenharam dois papéis. As ligas significaram a estabilização de relações entre organizações e grupos sociais, e o profissionalismo, a ruptura do modelo estabelecido, promovendo a crise que, só depois de superada, abriu os caminhos para o crescimento e para a crescente popularidade do futebol no país.

O profissionalismo não acabou logo com a discriminação. Ela existe até hoje em certas quadras, mesmo que, aqui no país, não esteja presente na quadra do campo gramado. Mas, sem dúvida, abriu caminho para que jovens das camadas sociais mais baixas pudessem ter um número bem maior de oportunidades no esporte. A história contada por Mário Filho tem duas vertentes. Primeira, a do preconceito e discriminação racial. A outra, a da abertura de uma possibilidade de ascensão, mínima que fosse, para os pobres em geral.

Essa história se cruza com a afirmação do futebol brasileiro como escola *benchmarking* mundial. Vivemos muito tempo, no plano internacional, à sombra de outros países. No início, dos países sul-americanos: éramos frequentemente derrotados por argentinos e uruguaios. Depois, mesmo fazendo boas figuras nos mundiais, nunca ganhando nada, culminando com a tragédia de 1950. Segundo a interpretação de Mário Filho, essa história começa a mudar quando o negro passa a ser perfeitamente assimilado nos nossos times e seleções. As linhas que escreve sobre Didi e Pelé, posteriores à versão original do texto, de 1947, são dedicadas

Resenha

a discutir essa visão. Finalmente, os negros estavam vingados. O desafio que impuseram aos saudosos dos tempos dos escravos havia sido vitoriosamente enfrentado. A sociedade brasileira, pelo menos a partir desse microcosmo, nunca mais seria a mesma.

Louve-se essa primorosa quarta edição do livro, que, estava esgotado, publicada em convênio da FAPERJ com a Editora Maud. Contém, além do texto, informações valiosas, textos das edições anteriores, fotografias preciosas e uma capa que reproduz uma tela de Reboló, jogador de futebol e artista popular, que soube, como Mário Filho, transportar para a arte uma atividade que virou paixão nacional.